

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

MATEUS MACEDO DE ARAUJO

**A importância das cantigas de roda para a vivência e transmissão
da cultura popular na Educação Física Infantil**

São Paulo
2021

MATEUS MACEDO DE ARAUJO

**A importância das cantigas de roda para a vivência e transmissão
da cultura popular na Educação Física Infantil**

Versão Corrigida

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Escola de Educação Física
e Esporte da Universidade de São Paulo,
como requisito parcial para a obtenção do
grau de Licenciando em Educação Física.

Orientador:
Prof. Dr. Osvaldo Luiz Ferraz

São Paulo

2021

Catálogo da Publicação
Serviço de Biblioteca
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Araujo, Mateus Macedo de

A importância das cantigas de roda para a vivência e transmissão da cultura popular na educação física infantil / Mateus Macedo de Araujo.-- São Paulo : [s.n.], 2021.

56p.

Monografia (Licenciatura em Educação Física)--Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Osvaldo Luiz Ferraz

1. Educação física infantil 2. Cantigas de roda 3. Folclore
4. Cultura popular I. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: ARAUJO, Mateus Macedo de

Título: A importância das cantigas de roda para a vivência e transmissão da cultura popular na Educação Física Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciando em Educação Física.

Data: ____/____/_____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Osvaldo Luiz Ferraz

Instituição: Escola de Educação Física e Esporte - Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Prof. Dr. Sergio Roberto Silveira

Instituição: Escola de Educação Física e Esporte - Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

*Dedico este trabalho primeiramente a Deus,
que me concedeu e concede a cada novo dia o dom da vida,
para, assim, vivê-la intensamente, e sempre em Seu Santo Nome.
À minha mãe, Edenice, meu pai, José, e minhas irmãs, Paula, Lilian e Mirian,
que me amam e sempre me apoiam e suportam, em ambos os sentidos,
durante toda minha vida. Obrigado família!*

*Aos demais familiares (bisavó, avós e avós, em especial minha avó Maria,
em memória, tios e tias, primos e primas, cunhados e cunhada),
madrinhas e padrinhos, vizinhos e vizinhas, conhecidos e conhecidas,
por todo carinho. Obrigado!*

*Aos amigos e amigas que Deus me proporcionou conhecer
na Paróquia Natividade do Senhor, me ajudando a crescer na fé e na vida.*

São tantos, mas em nome dos seguintes, estendo minha gratidão a todos:

*Victor, Mauri, Adeilton, Alan, Carlos, Aline, Regiane e Beatriz,
vocês são mais que amigos. São anjos que o Senhor enviou... Obrigado amigos!*

*Ao meu afilhado, Christian, pela escolha não somente como padrinho,
mas como amigo. Obrigado, e conte sempre comigo!*

*Às amizades feitas durante toda minha trajetória escolar nas escolas
EMEI Margareth de Fátima Marques de Azevedo, EE Rafael de Moraes Lima,
EE Leônidas Paiva e ETEC Parque da Juventude. Independente da distância,
guardo todos vocês no coração. Obrigado!*

*A cada uma das escolas citadas acima,
incluindo direção, professores e funcionários. Obrigado pela contribuição a mim
e aos demais estudantes que passaram por vossas salas.*

*Às amizades feitas durante estes 5 anos inesquecíveis de graduação, em especial
do grupo “Solteiros x Amarrados” e da EEFUSP Júnior Consultoria. Obrigado galera!*

*A três amigos que não tenho como dimensionar a importância na minha vida:
Wesley, Karine e Ernesto, obrigado por sempre estarem ao meu lado, nas horas
boas e ruins, para rir e para chorar, para apoiar e para cobrar. Obrigado por tudo!*

*E por fim, às crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos
que tive (e ainda terei) a oportunidade durante a vida de ser professor.*

Vocês também foram (e serão) professores e professoras para mim.

Obrigado (desde já) por cada aprendizado!

Agradecimentos

Agradeço à Universidade de São Paulo, à Escola de Educação Física e Esporte e à Faculdade de Educação, bem como aos demais institutos da referida Universidade pelos quais realizei alguma disciplina durante minha graduação, pela contribuição em minha formação enquanto licenciando em Educação Física.

A todos os professores e professoras com os/as quais tive a oportunidade de aprender ao longo destes anos de formação inicial, principalmente os professores e professoras responsáveis pelas disciplinas específicas ao núcleo de Licenciatura em Educação Física. De maneira especial, aos professores Sergio Roberto Silveira, Luiz Eduardo Pinto Basto Tourinho Dantas e Osvaldo Luiz Ferraz.

Agradeço às amigas Letícia, Beatriz e Karine e ao amigo e “filho” Thomaz pela contribuição na elaboração do abstract deste trabalho. Muito obrigado!

E em especial agradeço ao professor e amigo Osvaldo Luiz Ferraz: obrigado por aceitar o desafio de ser meu orientador, norteando o horizonte deste trabalho e, assim, favorecendo meu percurso em sua elaboração. Grato pela orientação, paciência e compreensão.

“Antes de se difundirem pelo mundo ideias de mudança e de necessidade de mudança social, a educação era pensada como alguma coisa que preserva, que conserva, que resguarda justamente de se perderem as tradições, os costumes e os valores de ‘um povo’, ‘uma cultura’ ou ‘uma civilização’”.

(BRANDÃO, 1981, p. 37)

RESUMO

DE ARAUJO, M. M. **A importância das cantigas de roda para a vivência e transmissão da cultura popular na Educação Física Infantil.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

As cantigas de roda são brincadeiras do folclore cantadas e/ou dançadas cuja presença no imaginário nacional nos remete sobretudo à infância, em seus mais variados momentos, como, por exemplo, durante nossa passagem pela escola, especialmente durante a Educação Infantil. O objetivo do presente trabalho foi o de discutir a importância das cantigas de roda como prática pedagógica na Educação Física Infantil, que dentre os diversos fins que assume, possibilita a vivência das cantigas de roda enquanto manifestação da cultura popular brasileira e, assim, favorece sua transmissão como parte do folclore nacional para as crianças durante sua passagem nesta etapa da Educação Básica. Por meio dos textos da Lei, primeiro delimitou-se o papel da Educação Física na Educação Infantil (além da própria definição dos objetivos da Educação Infantil), demonstrando o quão relevante é a presença desta área do conhecimento nesta etapa da educação, que por sua vez, tendo como eixos estruturantes as interações e brincadeiras, encontra, ancorada na Educação Física, um universo de práticas que possibilitam a garantia dos direitos e o cumprimento dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento definidos para esta fase da Educação Básica, sendo uma destas práticas as cantigas de roda. Com diferentes usos e finalidades dentro da rotina escolar na Educação Infantil, as cantigas de roda tem o potencial para não somente serem utilizadas como meio para o desenvolvimento dos aspectos motores, cognitivos e socioafetivos das crianças, mas também como provedoras de um saber histórico-cultural relativo ao nosso país e aos diversos povos que o constituíram e constituem, e que, portanto, deve ser contemplado quando do uso desta prática na escola. Com a proposição final de um portfólio de cantigas de roda para uso na Educação Infantil, espera-se contribuir para que o contato com nossa cultura popular possibilite a cada criança formar-se não somente enquanto indivíduo, mas como parte de um grupo, de um povo, de um coletivo carregado de saberes, e que merecem que suas histórias e ensinamentos sejam preservados e transmitidos para as novas gerações.

Palavras-chave: Cantigas de Roda; Cultura Popular; Educação Física Infantil.

ABSTRACT

DE ARAUJO, M. M. **The importance of nursery rhymes for the experience and transmission of popular culture in Early Childhood Physical Education.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

The nursery rhymes are folklore plays singed and/or danced and their presence in the national imaginary send us mainly to the childhood, even in the most diverse moments, for example, throughout our journey in the school, specially in the Early Childhood Education. The objective of this research work was to discuss the importance of these nursery rhymes as a pedagogical experience during Early Childhood Physical Education which, among many ends that it has, allows the experience of the nursery rhymes such as a display of the popular Brazilian culture. And, because of that, it promotes their transmission like a part of the national folklore to the children over their length of time in Basic Education. Through the texts of the Law, primary it was delineated the role of Physical Education in the Early Childhood Education (as well as, in particular, it was definition of the objectives of the Early Childhood Education), to demonstrate how relevant it is the presence of this area of knowledge in this step of education which, by its time, has the interactions and plays like its structural pillar. Moreover, this area finds, anchored in the Physical Education, a universe of forms that enable the rights guarantees and the learning and development observance defined to this stage of the Basic Education, and one of these forms is the nursery rhymes. The different uses and objectives inside the school routine in Early Childhood Education of the nursery rhymes have the potential to be used not only as a way to develop the motor coordination, cognitive and social-affective aspects in the children, but also to promote a historical-cultural knowledge associated to our country and several folks which constitute and constituted it. That is why it shall be considered the contributions when these plays are used in the school practices. Finally, the ending proposition is a nursery rhymes portfolio to be used in Early Childhood Education and, with that, it is hoped to contribute that the contact with our popular culture makes possible that each child is formed not only as an individual, but also as a part of a group, a people, a collective of knowledge which deserved to have their stories and lessons be preserved and passed on to the new generations.

Keywords: Nursery Rhymes; Popular Culture; Early Childhood Physical Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A Canoa Virou.....	44
Figura 2 – Ciranda, Cirandinha.....	46
Figura 3 – Corre Cotia.....	47
Figura 4 – Escravos de Jó.....	48
Figura 5 – Loja do Mestre André.....	50

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEB	Câmara de Educação Básica
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	14
3. CANTIGAS DE RODA.....	19
3.1. O que são cantigas de roda?.....	19
3.2. Denominações dadas às cantigas de roda.....	21
3.3. Categorização das cantigas de roda.....	25
4. CANTIGAS DE RODA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	27
5. A IMPORTÂNCIA DAS CANTIGAS DE RODA PARA A VIVÊNCIA E TRANSMISSÃO DA CULTURA POPULAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	35
6. PORTFÓLIO DE CANTIGAS DE RODA PARA USO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	43
6.1. Orientações gerais.....	43
6.2. A Canoa Virou.....	44
6.3. Carneirinho, Carneirão.....	45
6.4. Ciranda, Cirandinha.....	45
6.5. Corre Cutia.....	46
6.6. Escravos de Jó.....	48
6.7. Fui ao Tororó.....	49
6.8. Loja do Mestre André.....	49
6.9. Pai Francisco.....	50
6.10. Recomendações finais.....	51
7. CONCLUSÃO.....	52
REFERÊNCIAS.....	53

1 INTRODUÇÃO

Especialmente durante minha infância, fez parte da minha vivência em casa, na rua, na escola e nas festas muitos e muitos jogos e brincadeiras populares, que me marcaram de uma maneira única e profunda, e bem como várias e várias outras coisas, foram me constituindo enquanto ser humano, enquanto pessoa, fazendo brotar e permanecer em mim um sentimento e espírito nostálgico que sempre me faz recordar com alegria e saudades o tempo em que eu era criança. Com o passar da vida e as diversas escolhas que fui fazendo, sendo uma das últimas a de ser professor, seguindo pelo curso de Licenciatura em Educação Física, encontrei nestas marcas do passado a oportunidade de retomar tudo o que vivi com tanto amor e carinho quando pequeno no tema deste trabalho de conclusão de curso, contribuindo com a Educação Física Escolar para pensar, dentre o vasto universo de jogos e brincadeiras populares, como as cantigas de roda podem ajudar na vivência e transmissão da cultura popular brasileira, de forma específica na Educação Infantil, etapa da Educação Básica que me apaixonei durante a graduação. Mas para falar das cantigas de roda, é preciso partir das manifestações folclóricas como um todo.

As manifestações folclóricas fazem parte da história dos nossos povos e do nosso país, e bem como muitas práticas da cultura corporal, as cantigas de roda adentram o ambiente escolar, assumindo um papel pedagógico importante em vários sentidos. Mas um deles, prioritariamente, é de extrema relevância não somente para a formação da criança, mas também para a manutenção de parte da cultura popular brasileira (nosso folclore) e, assim, para a preservação de nossas tradições, costumes e saberes mais antigos, que remetem ao início da nossa história.

Iniciando com os textos da Lei, primeiro buscou-se delimitar o papel da Educação Física na Educação Infantil. Por ser uma etapa da Educação Básica que não conta com a estrutura das disciplinas curriculares, mas sim de campos de experiências, é fundamental ter-se o entendimento de que mesmo não tendo um horário específico dentro da rotina escolar das crianças, a Educação Física se faz presente de forma contundente nesta etapa da educação, tendo ao longo dos anos com os documentos norteadores da educação nacional para a Educação Infantil a

sua relevância enquanto área do conhecimento necessária para os cuidados e aprendizados previstos neste ciclo educacional.

Isto posto, pôde-se partir para a conceituação do principal objeto de estudo deste trabalho: as cantigas de roda. Sendo parte de um conjunto de manifestações folclóricas, as cantigas de roda têm o seu lugar dentro da história e da cultura do nosso país, e com o passar dos anos, décadas e séculos, o processo de transmissão desta manifestação se perde lentamente, pois sempre foi baseado na comunicação oral, assim como muitas das práticas relativas ao folclore nacional. Com o advento dos tempos atuais e, por consequência, com o avanço das tecnologias, que inclui os meios de registro das informações, e também das formas de interação social entre as pessoas, as cantigas de roda, bem como as manifestações folclóricas como um todo, vislumbram um horizonte perigoso se não se pensar em alternativas para este processo de transmissão cultural. A escola, no entanto, se apresenta como um ambiente propício para a possibilidade de manter viva a memória dos povos constituintes do nosso país, suas histórias, modos de vida, saberes, tradições, costumes, etc. Sendo utilizadas com diferentes perspectivas, com objetivos motores, cognitivos e socioafetivos, as cantigas de roda, antes de tudo, são caminhos para fundamentar junto a outras práticas da cultura a formação histórico-cultural dos alunos, sendo este processo iniciado na Educação Infantil.

Assim, pretende-se ao longo deste trabalho discutir a relevância desta manifestação folclórica nesta primeira etapa da educação nacional, para que elas (as cantigas de roda) sejam, de fato, importantes para a vivência e transmissão de parte da cultura popular brasileira para as crianças.

2 EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Desde a Constituição Federal de 1988, a Educação Infantil encontra-se amparada na lei suprema e fundamental do Brasil. Como um dos direitos sociais previstos na Constituição Federal, a Educação é garantida como um dever do Estado em seus diversos níveis, iniciando pela Educação Infantil (intitulada assim na Constituição por meio da Emenda Constitucional nº 53, do ano de 2006. Antes, recebia o nome de educação pré-escolar). Tal garantia, prevista no artigo 208, em seu inciso IV, estabelece a “educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade” (BRASIL, 1988).

Porém somente com o advento da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional, de 1996 (Lei 9394/96), é que a Educação Infantil, junto aos demais níveis de educação (Ensino Fundamental e Médio), passou a compor a Educação Básica no Brasil. É definido, no artigo 29 da lei, que a Educação Infantil “tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996).

Dois anos depois, em 1998, é publicado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), documento que integra os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) lançados no ano anterior, em 1997, e que “constitui-se em um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam a contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade” (BRASIL, 1998, v.1, p. 13). Os objetivos gerais e específicos estabelecidos pelo RCNEI estão estruturados em dois âmbitos de experiências – Formação Pessoal e Social e Conhecimento de Mundo, sendo que este último, por sua vez, se constitui de 6 eixos: Movimento, Artes visuais, Música, Linguagem oral e escrita, Natureza e sociedade, e Matemática.

Com a presença do eixo Movimento, que inclusive junto aos demais eixos recebe no volume 3 do documento uma extensa abordagem objetivando a orientação dos professores e professoras na construção das diferentes linguagens, ratifica-se a finalidade legitimada na LDB para a Educação Infantil do desenvolvimento integral da criança, entre um dos aspectos desse desenvolvimento, o físico. Assim, desde este ponto, podemos considerar o valor que a Educação

Física possui enquanto área de conhecimento para fundamentar as práticas pedagógicas voltadas à Educação Infantil. Reforça-se, inclusive, a necessidade do(a) professor(a) de Educação Infantil ser “polivalente”, como traz o documento, dado os conteúdos de naturezas diversas contemplados com eixos tais como o do Movimento.

A relevância da área demonstra-se, também, em um dos objetivos gerais da Educação Infantil apresentado no documento, que estipula como meta para este ciclo “descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar” (BRASIL, 1998, v. 1, p. 63), entre outros objetivos que, diretamente ou indiretamente, têm relação com a Educação Física.

No ano seguinte, 1999, foram estabelecidas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), sendo estas atualizadas dez anos depois, em 2009, por meio da Resolução nº 5/2009, do Conselho Nacional de Educação (CNE), através da Câmara de Educação Básica (CEB) e do Parecer nº 20/2009 CNE/CEB, mantendo os fundamentos norteadores anteriormente estipulados para orientar os projetos pedagógicos das instituições de Educação Infantil, sendo estes os Princípios Éticos, Políticos e Estéticos (BRASIL, 1999), porém reformulando certos pontos das diretrizes, pois como afirma o Parecer nº 20/2009, “embora os princípios colocados não tenham perdido a validade, ao contrário, continuam cada vez mais necessários, outras questões diminuiriam seu espaço no debate atual e novos desafios foram colocados para a Educação Infantil” (BRASIL, 2009b, p. 2). Além dos desafios que se defrontavam, a concepção de criança, transcorridos dez anos das diretrizes originais, não era mais a mesma, passando a considerá-la, desde então, como sujeito social e histórico que está inserida em uma sociedade na qual partilha de uma determinada cultura, sendo profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também contribuindo com ele (BRASIL, 2009b, p. 6). Por consequência, na Resolução nº 5/2009, em seu artigo 4º, é posto que

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja,

aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009a, p. 1)

Assim, em 2010 foi lançado o documento de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, visando o processo como um todo de elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares na Educação Infantil. Permanecia, porém com outro olhar, a contemplação da criança em sua totalidade, na “indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural” (BRASIL, 2010, p. 19), alterando os antigos eixos de Formação Pessoal e Social e Conhecimento de Mundo do RCNEI e colocando agora as interações e brincadeiras como norteadores das práticas pedagógicas. Tal mudança, no entanto, não deixou de contemplar todas as áreas do conhecimento presentes no RCNEI, em certa medida até as ampliando, mesmo que não as discriminando como antes. Isto inclui a Educação Física, tendo nítida sua importância destacada, sobretudo nas seguintes garantias apresentadas no documento:

Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança; Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical (p. 25); Propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras. (BRASIL, 2010, p. 27)

E baseado nestas diretrizes, temos com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017 e publicada em 2018, em sua parte voltada à Educação Infantil, um campo de possibilidades ainda maior para a práxis da Educação Física, reafirmando sua pertinência nesta etapa da Educação. A proposta da BNCC para a Educação Infantil se constitui a partir de seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, dois eixos estruturantes para as práticas pedagógicas (interações e brincadeiras, como definidos pelas DCNEI) e uma organização curricular composta de cinco campos de experiências, que estabelecem objetivos de aprendizagem e desenvolvimento a serem garantidos a todas as crianças. Os cinco campos de experiências são: O eu, o outro e o nós; Corpo,

gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; e Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

Só pela presença de um campo de experiências intitulado “Corpo, gestos e movimentos” imediatamente remetemo-nos ao campo de estudo da Educação Física, que no ambiente escolar pode e deve contribuir tanto com os direitos quanto com os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento a serem garantidos para as crianças durante a Educação Infantil. É descrito neste campo (BNCC, 2018) como as crianças, por meio de seus corpos, interagem com o mundo ao seu redor e com tudo que faz parte do mesmo, estabelecendo relações consigo, com o outro e com a cultura deste mundo, constituindo sua identidade enquanto indivíduo e como parte de um coletivo maior, a sociedade, impactando, de tal modo, no processo de tomada de consciência de sua corporeidade a partir destas relações, que reverberam em si próprios, mas que também reverberam neste mundo, produzindo conhecimentos sobre e para o mesmo ou, em outros termos, produzindo cultura (esta concepção de criança para a Educação Infantil, cabe lembrar, é estabelecida nas DCNEI). Para este campo de experiência se entende que:

Na Educação Infantil, o corpo das crianças ganha centralidade, pois ele é o partícipe privilegiado das práticas pedagógicas de cuidado físico, orientadas para a emancipação e a liberdade, e não para a submissão. Assim, a instituição escolar precisa promover oportunidades ricas para que as crianças possam, sempre animadas pelo espírito lúdico e na interação com seus pares, explorar e vivenciar um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo, para descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo. (BRASIL, 2018, p. 41)

Assim, novamente reforça-se a necessidade dos(as) professores(as) desta etapa da Educação acessarem e se utilizarem de conhecimentos e experiências da Educação Física.

Mas como, de forma prática, esta contribuição da Educação Física tanto com relação aos direitos quanto com relação aos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento pode se dar? Tomando como base dois dos seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, é possível vislumbrar tal aplicação.

Segundo a BNCC (2018, p. 38), o direito ao “Brincar” possibilita, entre outras coisas, a ampliação e diversificação do acesso às produções culturais, bem como dos conhecimentos e experiências, sejam elas corporais, expressivas ou sociais,

entre outras, e o direito a “Conhecer-se” diz respeito à construção da identidade pessoal, social e cultural das crianças, favorecendo a constituição de uma imagem positiva de si mesmas e dos grupos aos quais pertencam.

São inúmeras as linguagens que, por diferentes meios, são capazes de propiciar, de forma integrada, a garantia na prática de tais direitos, como a música, a dança, o teatro e claro, as brincadeiras, que além de objeto de estudo da Educação Física, na Educação Infantil é de suma importância, visto sua posição como um dos eixos estruturantes da mesma no atual momento histórico desta etapa escolar. Adentrando o vasto universo de possibilidades que as brincadeiras nos oferece, temos um tipo de brincadeira, se assim podemos definir, que inclusive engloba algumas das demais linguagens citadas, como a música e a dança, concebendo uma integração única entre as mesmas (brincadeiras, música e dança) para fazer valer conjuntamente ambas as garantias do ponto de vista da prática pedagógica cotidiana. São as cantigas de roda, objeto de estudo deste trabalho e que serão contempladas, de forma mais específica, a partir de agora.

3 CANTIGAS DE RODA

3.1 O que são cantigas de roda?

As cantigas de roda, também chamadas de cirandas ou ainda de brincadeiras de roda referem-se, segundo Cascudo (2012), a brincadeiras do folclore cantadas e/ou dançadas, apresentando letras, melodias e coreografias simples. Ainda de acordo com o mesmo autor, renomado pelo estudo da cultura brasileira, com obras de grande relevância em particular sobre a história, o folclore e a cultura popular; as cantigas de roda encontram-se em constante transformação (como ocorre com as demais práticas da cultura corporal de movimento), porém conservando em suas letras e melodias os saberes e conhecimentos populares de seus povos, pois:

[...] apesar de serem cantadas uma dentro das outras e com as mais curiosas deformações das letras, pela própria inconsciência com que são proferidas pelas bocas infantis (p. 676). Elas são transmitidas oralmente, abandonadas em cada geração e reerguidas pela outra [...] numa sucessão ininterrupta de movimento e de canto quase independente da decisão pessoal ou do arbítrio administrativo. (CASCUDO, 2012, p. 146)

Cabe ressaltar que o termo folclore, imediatamente associado às lendas e mitos da cultura popular, engloba, na verdade, todas as manifestações da cultura popular de determinado povo, expressando-se não somente nas suas lendas e mitos, como dito anteriormente, mas na totalidade das suas tradições e costumes locais, presentes nas festas populares, músicas e danças regionais e nos jogos e brincadeiras, que compreende as cantigas de roda.

De acordo com Silva (c2021), o termo folclore tem origem na palavra de língua inglesa *folklore*, que deriva do termo *folk-lore*, proposto pelo escritor William John Thoms em 1846 e que, basicamente, se refere à junção de duas palavras do idioma inglês - *Folk*, que significa povo, e *Lore*, que significa saber, conhecimento. Assim, propondo a junção das duas palavras, formou a expressão *folk-lore*, cujo significado seria “saber tradicional de um povo”.

Como afirma Grinberg¹ (1983, apud DE SOUZA, 2012), a instituição do dia e mês do folclore se deu:

¹ GRINBERG, Isaac. **Folclore de Mogi das Cruzes**. São Paulo: I Grinberg, 1983.

[...] em homenagem à memória de Willian John Thoms e à publicação de sua carta, o Congresso Internacional de Folclore, reunido na Argentina em dezembro de 1960, aprovou proposta do Brasil e consagrou agosto como o “mês do Folclore”. E poucos anos depois em 17 de agosto de 1965, através do Decreto 56.747 do Presidente da República, era a vez do Brasil oficializar o dia 22 de agosto como o “Dia do folclore”. (GRINBERG, 1985, apud DE SOUZA, 2012, p. 12)

Retomando às cantigas de roda, elas são, em certa medida, semelhantes às canções de ninar que ouvimos desde pequenos, ainda no ventre de nossa mãe e depois que nascemos. Como define Melo² (1985, apud Somacal, 2015):

A cantiga de berço, o suave embalo e aconchego nos braços das mães ou amas carinhosas, foi sempre, em todos os povos, o primeiro gesto de solidariedade ao recém-nascido. A vida começa, realmente, com o primeiro ninado da parteira, o acalanto inaugural, recebido sempre pelo bebê com gritos e protestos terríveis. (MELO, 1985, apud SOMACAL, 2015, p. 14)

Assim, desde os primeiros meses de vida nós já nos encontramos em contato com as tradições folclóricas por meio destas canções. São elas, junto com as demais manifestações da cultura popular com as quais nos relacionamos já quando pequenos, que nos iniciam neste processo de transmissão da cultura popular do nosso país.

Junto às demais manifestações musicais da cultura popular, as cantigas de roda são abarcadas pelo termo “música folclórica”, que de acordo com o Dicionário do Folclore Brasileiro é definido como:

Música espontânea, criada e aceita coletivamente pelo povo, transmitida oralmente para outros membros da comunidade e tendo função relacionada com os interesses da vida do grupo. É o caso da moda de viola, dos pregões, aboios, dorme-nenês, rodas infantis, cantos e toques de várias danças e folguedos. (CASCUDO, 2012, p. 405)

E se faz importante lembrar que, bem como praticamente tudo o que se entende e se expressa atualmente como cultura brasileira, as cantigas de roda também passaram pela influência das diferentes culturas advindas dos diversos povos e grupos étnicos que fazem parte da história do nosso país. Como diz Melo (1985, apud Somacal 2015), sobre uma cantiga em específico:

²MELO, Veríssimo de. **Folclore infantil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

Influências de várias culturas, principalmente lusitana, africana, ameríndia, espanhola e francesa, plasmaram de tal sorte a contextura dessa cantiga infantil, que hoje não é fácil precisar, cientificamente, onde começa a influência lusitana ou termina a africana ou indígena. (MELO, 1985 apud SOMACAL, 2015, p. 16)

3.2 Denominações dadas às cantigas de roda

Bem como outras formas de manifestação da cultura popular, as cantigas de roda são também conhecidas por variados nomes, muitas vezes existindo a dúvida se há alguma diferença entre uma denominação e outra dada a esta prática.

O termo “cantiga”, em uma das suas definições encontrada no Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis On-line, diz respeito a “qualquer composição popular que se destina a ser cantada” (CANTIGA, c2021). Do ponto de vista literário, o mesmo dicionário define o termo como “poesia cantada em qualquer ária e geralmente dividida em estrofes iguais ou coplas”, sendo ária sinônimo de canção. Desta forma, notamos que “cantiga” pode ser entendida como qualquer poesia cantada. Por consequência, cantigas de roda poderiam ser entendidas, então, como poesias para serem cantadas em roda. Esta dedução, no entanto, não abrange a totalidade do que são as cantigas de roda - que, claro, são notadamente assimiladas pelas suas canções, mas que contam também com a sua expressão máxima quando realizadas em rodas de pessoas em movimento. Como poderemos notar mais a frente, existem cantigas de variados tipos, sendo que uma destas categorias são as chamadas cantigas de roda.

Ciranda, por sua vez, mesmo sendo atribuída atualmente como outra denominação para as cantigas de roda, na verdade é uma dança tradicional nordestina, principalmente nos estados da Paraíba e de Pernambuco. A origem do termo, de acordo com Fernandes (2021), não tem um consenso, mas acredita-se que tenha vindo de Portugal, como variação do termo espanhol *zaranda*, um instrumento utilizado para peneirar farinha. Segundo estudos apresentados pela mesma autora, a origem da ciranda enquanto dança teria se dado por volta do século XVIII, na região nordeste, em Pernambuco. Porém, o termo já era usado nessa mesma época no litoral fluminense, no interior paulistano e no Amazonas. Com letras que versavam no geral sobre a natureza, o campo, a agricultura, e sendo

praticadas por trabalhadores rurais, pescadores e operários nas ruas e nos terreiros, a ciranda foi associada às camadas populares da sociedade, sendo considerada, assim, uma manifestação genuína e tradicional do povo. Conforme o termo foi sendo apropriado nas diferentes regiões do país, o mesmo foi atrelado às brincadeiras cantadas realizadas em roda, que na sua maioria, eram realizadas pelas crianças.

E por falar em brincadeiras cantadas, entramos num conjunto de termos, junto a brinquedos cantados, brincadeiras de roda e rodas infantis, que após pesquisa na literatura que trata sobre tema, embasa uma posição de que não é possível atribuir distinções quanto a seus usos e/ou em relação à sua origem, tratando-se precisamente da mesma prática, as cantigas de roda. Como exceções a estas variações, podemos considerar primeiro a noção de “brincadeiras em roda”, que devido a substituição da preposição “de” por “em”, amplia o sentido do termo, abarcando outras brincadeiras que também são realizadas em roda, mas que não necessariamente são consideradas cantigas de roda, como é o caso da famosa Batata-quente e do Pato pato ganso. Uma curiosidade sobre estas duas brincadeiras empregadas de exemplo é que ambas possuem, de certa forma, sua versão cantada/em cantiga. Pato pato ganso é praticamente a mesma brincadeira que Corre cotia, e Batata-quente possui, em certas regiões, uma poesia cantada (“Batata que passa quente, batata que já passou, quem ficar com a batata, coitadinho se queimou!”), e assim, nesta versão da brincadeira, podendo ser considerada uma brincadeira de roda. Apesar da similaridade dos termos “brincadeiras de roda” e “brincadeiras em roda”, o primeiro é notadamente conhecido e assimilado às cantigas de roda, sendo utilizado muitas vezes como sinônimo, enquanto o segundo não. Por isso, esta pequena ressalva em relação a “brincadeiras em roda”. E a segunda exceção seria “rodas cantadas”, que apesar de certo uso para se referir às cantigas de roda, têm um sentido diferente segundo o Centro de Estudos do Lazer, Educação, Integração, Recreação e Ócio – CELEIRO, sentido este que será abordado mais adiante no texto.

Outro termo que pode confundir, pela semelhança com as cantigas de roda, é “parlendas”. Em certo grau, as parlendas são muito similares com as cantigas de roda, pois também se apresentam em formato de música, como poesia cantada. De acordo com Pina (2019), o termo parlenda deriva do verbo “*parlare*”, que significa conversar. Pina também ressalta que as parlendas (assim como as cantigas de

roda) são muito utilizadas na Educação Infantil, pois a musicalidade presente nas parlendas (e nas cantigas) favorece a rotina de aprendizagem das crianças, facilitando o processo de memorização, por exemplo, que enriquece o vocabulário dos alunos. Como exemplos de parlendas temos “Um, dois, feijão com arroz”, “Hoje é Domingo”, “Batatinha quando nasce”, entre várias outras. A maior parte da parlendas são compostas por 4 versos, como em “Batatinha quando nasce”, porém existem exceções, como as duas primeiras citadas anteriormente. Os trava-línguas, também conhecidos por seu teor folclórico, também fazem parte do grupo das parlendas, diferenciando-se por conta da repetição de palavras nos versos, que os tornam de difícil pronúncia. Como exemplos temos o “Um prato de trigo”, “Num ninho de mafagafos”, “Olha o sapo dentro do saco”, “O doce perguntou pro doce” e “A aranha arranha a jarra”. E algumas parlendas, assim como acontece com algumas cantigas de roda, tornaram-se brincadeiras (brincadeiras de mão) com o passar do tempo. É o caso de “Uni, Duni, Tê”, “Rei, Capitão, Soldado, Ladrão” (Com quem será que fulano vai casar?), e “Lá em cima do piano”.

Um termo que provavelmente não cause muita dúvida se comparado com os anteriores já citados, mas que é válido de se ressaltar, é “dança circular”. As danças circulares são, como o próprio nome explicita, danças realizadas em círculo/em movimento circular. No entanto, o que muitos podem não saber é que as danças circulares, na verdade, se constituem enquanto um Movimento, o movimento Danças Circulares®. Segundo Berni (2002), o movimento teve sua origem em 1976, com o bailarino, coreógrafo e pedagogo Bernhard Wosien, que durante parte de sua vida viajou pelo mundo na busca pelo contato com as danças de diferentes povos. Em 1976, visitou a comunidade de Findhorn, no norte da Escócia, ensinando uma coletânea de danças folclóricas para os residentes. De 1976 em diante, centenas de danças foram incorporadas ao repertório inicial e o movimento passou a se chamar Danças Circulares Sagradas. Assim as descreve o próprio Bernhard³:

Ali estavam, primeiro, o balançar-se, o saltar entusiasmados, ligados um ao outro em círculos e correntes, o ímpeto arrebatador e a alegria vital das sequências rítmicas dos passos, e também as melodias delicadas e íntimas das canções de amor dos pastores dos Bálcãs. O que eu vivenciei foi a força da roda. (WOSIEN, 2000 apud BERNI, 2002, p. 116)

³ WOSIEN, Bernhard. **Dança**: Um Caminho para a Totalidade. São Paulo: Triom, 2000.

Como sabemos, o círculo, que se estabelece na roda, é um símbolo de muita importância para muitas culturas, incluindo a dos povos que fazem parte da constituição do nosso país, como os indígenas e os africanos. Desta forma, as danças em roda são práticas de grande valor simbólico e significado, sempre presentes na história da humanidade nestas diversas culturas para celebrar momentos importantes como festividades, mudanças nas etapas da vida de seus membros (nascimento, amadurecimento, casamento, morte), agradecimentos e pedidos pelo tempo, pelo plantio e colheita, etc. Como afirma Berni (2002), a grande adesão das pessoas ao movimento das Danças Circulares passou a se dar pela simplicidade dos movimentos, que são feitos em grupo e respeitam o espaço e o tempo de cada um. No Brasil, o movimento chegou por meio do mineiro Carlos Solano, que após passar seis meses na comunidade de Findhorn, retornou ao país e apresentou a filosofia das Danças Circulares a partir de 1984, dando o pontapé inicial para a expansão do movimento com o passar dos anos.

E por fim, um termo ainda mais recente e que pode também ser confundido pelas pessoas com as cantigas de roda é “rodas cantadas”. De acordo com Silveira (2010), do Centro de Estudos do Lazer, Educação, Integração, Recreação e Ócio – CELEIRO, as rodas cantadas são manifestações mais contemporâneas que as demais, sendo “atualizadas” constantemente para acompanhar a linguagem da atualidade. Por definição, tem-se:

Rodas cantadas são trabalhos musicais que possam ser realizados com crianças, jovens e adultos apenas com o uso de voz, ritmo e movimento, com objetivos recreativos, sem uso de acompanhamentos instrumentais e sem a necessidade de preocupar-se com a métrica musical, divisão correta de tempos e compassos ou regras semelhantes. Podem ser propostos por um dinamizador, como um recreacionista ou professor, ou podem surgir por iniciativa do próprio grupo em um momento de lazer, não sendo obrigatório que se realizem em posição de roda. (SILVEIRA, 2009 apud SILVEIRA, 2010, p. 38)

Analisando o trecho acima, claramente a diferenciação com as cantigas de roda está posta, mesmo com certas similaridades. Em especial, tal diferença se dá pelo objetivo das rodas cantadas (fins recreativos), que se distancia das cantigas, já que estas são também utilizadas para outros fins, como pedagógicos; além da própria dinâmica das rodas cantadas, que segundo o texto, não é obrigatório que sejam realizadas em roda. Sendo assim, mesmo que este termo seja utilizado como

sinônimo para cantigas de roda, a sua definição torna clara a diferença de ambos, não sendo recomendado o uso indiferenciado de ambas as palavras.

3.3 Categorização das cantigas de roda

Referente à categorização das cantigas, de acordo com Pinto⁴ (1916, apud Silva, 2010, p. 25), estas podem ser categorizadas em “Cantigas, Cantigas dos Pretos, Cantigas e Danças, Corêtos, Corêtos de mesa, Corêtos de bando de rua, Cantigas jocosas e Cantigas históricas, regionais e patrióticas”. Com estas nomeações, podemos deduzir que as chamadas “Cantigas e Danças” são as que se referem ao que entendemos como cantigas de roda.

Para Melo (1985, apud Somacal, 2015, p. 15), as cantigas de roda, antigamente conhecidas por rondas infantis, podem ser divididas em “I – Amorasas, II – Satíricas, III – Imitativas, IV – Religiosas e V – Dramáticas”, de acordo com a temática da cantiga, cada uma com suas próprias particularidades. Melo adverte, no entanto (apud De Souza, 2012) que tal classificação se deve a pesquisa realizada em Natal, Rio Grande do Norte, no ano de 1947, e, portanto, estando restrita a um município, esta classificação deve ser considerada com ressalvas. Mas sim, contribui para perceber diversas características semelhantes nas diferentes cantigas de roda.

Mais recentemente, Cascudo (2012), que se utiliza do termo cancionero infantil, classifica as cantigas como um todo nas seguintes categorias: cantigas de jogos (aquelas com competição); cantigas de passeios (com caminhadas, avanços, recuos e demais movimentações ao longo da cantiga); cantigas de histórias (na qual a música identifica personagens e conta uma história); cantos ou cantigas cumulativas (a cada repetição um novo elemento é acrescentado à música); cantos ou cantigas de não findar (aqueles em que o final da música emenda com o começo); e cantigas de roda (que acontecem em roda).

Estas variações de cantiga contempladas pela categorização de Cascudo são, como exemplifica Somacal (2015), utilizadas dentro da escola, especialmente na Educação Infantil, sendo um recurso pedagógico extremamente importante para

⁴ PINTO, Alexina de Magalhães. **Cantigas das crianças e do povo e danças populares**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1916.

diversos momentos da rotina escolar para esta etapa da Educação, como veremos a seguir.

4 CANTIGAS DE RODA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Desde o RCNEI (1998), as cantigas de roda, junto às demais manifestações do folclore nacional, são consideradas como possibilidade para uso na Educação Infantil. São diversos os fins para os quais as cantigas de roda são pensadas enquanto prática pedagógica nesta etapa da educação nacional, como será analisado nos parágrafos seguintes.

No entanto, antes de iniciar este detalhamento, cabe a reflexão sobre considerarmos as cantigas de roda como práticas pedagógicas que fazem jus a sua presença na Educação Infantil não somente por serem meios para o desenvolvimento de determinados aspectos da constituição da criança (motor, cognitivo, socioafetivo, histórico-cultural, etc.), mas primeiramente pela própria brincadeira. As cantigas de roda, bem como várias outras brincadeiras, têm em si um caráter autotélico, ou seja, com um fim em si mesmo – antes de nos preocuparmos, enquanto professores, com os ganhos que determinada brincadeira geram para as crianças em um ou outro aspecto em específico, devemos apresentá-las a estas brincadeiras pelo fato de possibilitá-las brincar, pura e simplesmente.

Feita a reflexão, retornemos nosso olhar ao RCNEI, e iniciando pelo aspecto motor, notamos o papel atribuído às cantigas de roda como uma forma da criança conhecer e explorar seu próprio corpo, possibilitando, como ressalta o documento, a identificação dos segmentos do corpo por meio do contato físico na brincadeira, pois como afirma o mesmo, “a cultura popular infantil é uma riquíssima fonte na qual se pode buscar cantigas e brincadeiras de cunho afetivo nas quais o contato corporal é o seu principal conteúdo” (BRASIL, 1998c, p. 30).

Somado a este fator, adiciona-se o fato de que comumente estas cantigas que trabalham a questão corporal progredirem numa melodia que implica sua prática numa ação ritmada, colaborando com o desenvolvimento da coordenação motora e, assim, interligando o aspecto motor ao cognitivo, como notamos nas cantigas de roda “Caranguejo”, “Carneirinho, Carneirão” e principalmente na “Escravos de Jó”. O documento traz o exemplo da cantiga de roda “A Linda Rosa Juvenil”, que devido a sua composição e melodia: “cada verso corresponde um gesto, proporciona também a oportunidade de descobrir e explorar movimentos ajustados a um ritmo” (BRASIL, 1998c, p. 31).

Esta noção de ritmo, que se manifesta primeiro individualmente, se amplia a um nível coletivo, dando o sentido de unidade tão característico das cantigas de roda, como acontece num dos mais conhecidos exemplares desta manifestação cultural, a “Ciranda, Cirandinha”; apesar de simples, ilustra bem o que são as cantigas de roda. Tudo isto se deve graças à própria roda, organização espacial deste tipo de brincadeira e que carrega consigo um simbolismo profundo, manifestado em danças pelo Brasil e mundo afora. Como aborda o documento:

A roda otimiza a percepção de um ritmo comum e a noção de conjunto. Há muitas brincadeiras de roda, como o coco de roda alagoano, o bumba-meu-boi maranhense, a catira paulista, o maracatu e o frevo pernambucanos, a chula rio-grandense, as cirandas, as quadrilhas, entre tantas outras. O fato de todas essas manifestações expressivas serem realizadas em grupo acrescentam ao movimento um sentido socializador e estético. (BRASIL, 1998c, p. 34)

Une-se à organização da brincadeira em roda a sua condução por meio da música, temática que também faz parte do conjunto das seis áreas do conhecimento pertencentes ao eixo “Conhecimento do Mundo” do RCNEI. A música é um aparato de extrema importância na Educação Infantil, pois como afirma Santos (2010, p. 15), ela atua em favor das crianças “oferecendo situações em que elas possam explorar-se a si própria e aos outros, criando um repertório de informações na qual a comunicação seja facilitada por meio da linguagem oral”. O RCNEI traz que:

O contato intuitivo e espontâneo com a expressão musical desde os primeiros anos de vida é importante ponto de partida para o processo de musicalização. Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos, etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. (BRASIL, 1998c, p.48).

Sendo citadas no trecho acima, as cantigas de roda são um expoente deste trabalho interdisciplinar entre as áreas de Movimento (representando a Educação Física) e Música (representando Artes) que compõem um dos eixos estruturantes do RCNEI, que por sua vez aponta a importância e necessidade desta integração entre diferentes linguagens expressivas (citando além destas duas as artes visuais e as cênicas), assim como acontece na BNCC para a etapa da Educação Infantil, através dos chamados Campos de Experiências, como veremos logo a seguir.

A partir dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento estipulados para a Educação Infantil na BNCC, vislumbramos as possibilidades de uso das cantigas de roda praticamente na totalidade do público-alvo contemplado neste ciclo da Educação Básica, especialmente para as chamadas crianças bem pequenas (faixa etária de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (faixa etária de 4 anos a 5 anos e 11 meses), mas também com os bebês (faixa etária de 0 a 1 ano e 6 meses), mesmo que em menor grau, e não somente no campo de experiências “Corpo, Gestos e Movimentos”, reafirmando o caráter interdisciplinar das cantigas de roda.

Neste primeiro campo de experiência, pressupõe-se o possível uso das cantigas de roda como instrumento pedagógico para alcance dos seguintes objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

a) para as crianças bem pequenas, em (BRASIL, 2018, p. 47):

- “apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras”;
- “deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc., ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas”;
- “explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações”.

b) e para as crianças pequenas, em (BRASIL, 2018, p. 47):

- “criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música”;
- “demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades”;
- “criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música”.

Para o campo de experiência “Traços, sons, cores e formas”, a possível aplicação das cantigas de roda demonstra-se:

a) para os bebês, em (BRASIL, 2018, p. 48):

- “explorar diferentes fontes sonoras e materiais para acompanhar brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias”.

b) e para as crianças bem pequenas em (BRASIL, 2018, p. 48):

- “utilizar diferentes fontes sonoras disponíveis no ambiente em brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias”.

E por último, no campo de experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, presume-se a utilização das cantigas de roda:

a) para as crianças bem pequenas em (BRASIL, 2018, p. 49):

- “identificar e criar diferentes sons e reconhecer rimas e aliterações em cantigas de roda e textos poéticos”.

b) e para as crianças pequenas, em (BRASIL, 2018, p. 49):

- “inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos”.

Como apontado anteriormente, as cantigas de roda ajudam tanto no desenvolvimento dos aspectos motores quanto dos aspectos cognitivos da criança. Porém, tomando como exemplo os campos de experiência a pouco exemplificados, que demonstram, por meio de seus objetivos, a oportunidade de uso das cantigas de roda para cumprimento de tais objetivos, vê-se que sua aplicação no cotidiano escolar não privilegia estes dois aspectos partindo somente da prática da cantiga em si, do ponto de vista do movimento. As cantigas de roda, bem como as demais cantigas, contribuem também para estes aspectos, especialmente para o cognitivo, através do campo da fala, da escuta.

Como trazem Da Silva, Da Costa e Guimarães (2019), as cantigas de roda, quando levadas à reflexão a partir de suas letras, são capazes de fazer, de forma processual, com que as crianças se expressem melhor em sua linguagem oral, pois entendendo o valor de cada palavra na letra da cantiga, associado, quando sendo uma cantiga de roda, com os gestos e movimentos realizados na brincadeira, propicia-se às mesmas formularem melhor suas falas, devido à assimilação dos significados das palavras e sua conseqüente adição ao vocabulário dos pequenos. Dando como exemplo a própria experiência vivida pelas três autoras no referido trabalho, as mesmas buscaram familiarizar as letras das cantigas para as crianças

partindo das relações com as vivências pessoais de cada criança, “juntamente com os vídeos que mostravam, antes da roda, os elementos que integram a música e as fazendo escutar mais, para além de aprender a forma correta das pronúncias das palavras, associar a letra da música” (DA SILVA, DA COSTA, GUIMARÃES, 2019, p. 16).

Corroborando com a afirmação de Souza e Medeiros (2015), é papel do professor, buscando fazer com que os alunos conheçam e memorizem as cantigas de roda, apresentá-los às letras das músicas. E vale a ressalva de que este processo, inclusive, é gerador de transformações nas cantigas, pois “como na infância o vocabulário da criança está ainda em formação, por vezes elas falam as palavras da forma como entendem, e assim acabam modificando a palavra original, formando então uma nova cantiga” (SOUZA e MEDEIROS, 2015, p. 17).

Assim sendo, para as crianças, como diz Santos (2010, p. 16), “as cantigas de roda por serem textos que se cantam ou se recitam, podem ampliar as experiências no campo da linguagem oral, partindo de atividades nas quais aprendam a adequar a entonação ao ritmo da fala, de forma distinta das empregadas no dia-a-dia”.

Mas como trabalhar efetivamente este aspecto durante a rotina da escola? Voltando-nos novamente a Souza e Medeiros, são elencadas algumas possibilidades.

Reunir recursos como CD's, livros e outros materiais que ilustrem as cantigas; questionar os alunos sobre as cantigas mais conhecidas por eles; conhecer e apresentar outras cantigas por meio de outros recursos audiovisuais; comentar as músicas trabalhadas com os alunos; lembrar de situações do cotidiano em que as cantigas possam se encaixar; conhecer, uma por uma, as histórias, informações, origens e personagens disponíveis das cantigas trabalhadas; interpretar as outras e comparar com as já conhecidas; reconstruir, representar ou dramatizar as cantigas juntamente aos alunos; partilhar as cantigas em conversas ou brincadeiras, abrindo a possibilidade para a elaboração de novas canções. (SOUZA e MEDEIROS, 2015, p. 24)

Em síntese, empregando diferentes estratégias pedagógicas, o professor será capaz de favorecer o aprendizado dos alunos com relação à linguagem oral, como preconiza a BNCC para a Educação Infantil no campo de experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação, não somente nos objetivos diretamente mais passíveis

de intermédio pelas cantigas de roda por exemplo, mas no campo de experiência como um todo.

Observando os usos dados às cantigas de roda até aqui, e valendo-se do trabalho de Somacal (2015), as cantigas como um todo assumem diversas finalidades dentro da rotina escolar, como no início (entrada) e final (saída) do dia de aula; momentos para fazer fila, como a ida para o almoço, para o parque ou para outros espaços; e para fazer silêncio, tal como enquanto brincadeiras e em atividades variadas, com diferentes objetivos de acordo com o/a professor(a), abrangendo os já mencionados aspecto motor (que engloba, entre outros parâmetros, fatores como a movimentação, a noção e expressão corporal, a coordenação motora, a lateralidade, o equilíbrio, a destreza e o ritmo); o aspecto cognitivo (que engloba novamente o ritmo, o desenvolvimento e aprimoramento da fala, por meio da memória e do vocabulário, e a percepção auditiva, especialmente para bebês); e por último um aspecto ainda não abordado, pelo menos de forma direta, neste trabalho, que é o aspecto socioafetivo, que diz respeito, por exemplo ao respeito ao próximo, à expressão de sentimentos e ao processo de integração/socialização das crianças. Para aprofundar o entendimento deste aspecto, tomemos como referencial o último termo citado, socialização, que possibilitará uma análise mais abrangente do que se refere o socioafetivo.

Segundo Souza e Medeiros (2015, p. 21), “a socialização é o processo através do qual a criança desenvolve hábitos, competências, valores e motivos que os tornam membros responsáveis e produtivos da sociedade”, sendo que este processo de aprendizado, dado pela internalização da realidade e da cultura, se dá através da linguagem.

No cotidiano da escola como um todo, e não somente durante a Educação Infantil, mas durante toda a trajetória escolar ao longo da Educação Básica, o processo de socialização dos alunos está acontecendo. São infinitos processos internos que são assimilados conforme as experiências inter-relacionais com o outro dentro da escola, sendo este outro os colegas de classe e da escola, o professor, os funcionários, os demais professores do corpo docente, a direção, etc. Estas interações se dão através dos usos das diferentes linguagens, como citado no parágrafo anterior, e que, no caso da Educação Infantil, as crianças estão começando a acessar. Sendo uma destas linguagens a corporal, a criança pode

experimentá-la e expressá-la de variadas formas, sendo uma destas formas através da dança, que pode ser suscitada, por exemplo, ao utilizar-se das cantigas de roda, especialmente as que estimulam durante sua execução a exploração dos movimentos e a criação de gestos, como acontece nas cantigas de roda “Pai Francisco” e “Samba Lelê”. Trazemos uma experiência pedagógica presente no trabalho de Souza e Medeiros (2015) como orientação para atividades relativas a danças num geral, para que favoreçam o desenvolvimento desta linguagem também sob a ótica do aspecto socioafetivo.

A coreografia poderá ser adotada de uma maneira livre e criada dentro da sala de aula junto aos alunos, onde o professor(a) para facilitar a atividade poderá explicar a melodia de maneira que a criança interprete o que está sendo cantado, e assim, a dança será criada de uma maneira divertida, criativa e socialmente construída, seja encenando ou coreografando a letra da música de maneira em que todos se sintam livres. (SOUZA e MEDEIROS, 2015, p. 26)

Desta forma, como exposto na metodologia acima, o professor promoverá uma experiência mais rica para o aprendizado corporal e social das crianças, onde uma, ao observar a criação da outra, poderá assimilar uma nova forma de construção, uma nova forma de expressão. Neste caso, com a dança, os estudantes poderão perceber, mediados pelo professor, a diversidade de movimentos que se manifesta em cada uma delas, mesmo partindo de uma mesma música. Este processo ocorre, como dito, em muitas cantigas de roda, e assim seu uso para possibilitar tal aprendizado é mais do que recomendado.

E para além deste aspecto coletivo da prática, orientar pedagogicamente uma atividade neste modelo exploratório estimula a individualidade da criança, levando-a a conhecer-se e também a conhecer os seus sentimentos, que vem à tona de variadas maneiras e nos diferentes momentos do nosso dia, a depender de como estamos lidando com eles. Corroborando com esta perspectiva, tem-se: “nas cantigas de roda a criança fica envolvida com atividades em que não existe cobrança de rendimento; sua forma de expressão é respeitada e sua ação valorizada” (DE SOUZA, 2012, p. 40).

Para o desenvolvimento de um trabalho nesta linha, como ressaltado anteriormente, a figura do professor é de extrema importância, ainda mais se tratando da Educação Infantil, que sendo o primeiro contato de forma mais

sistemática da criança com outras, e assim com diferentes realidades e valores, cabe ao professor este intermédio entre as relações para que o choque de conflitos entre as diferenças manifestadas em cada aluno durante o dia-a-dia e a cada atividade proposta não seja geradora de exclusão e de preconceito, mas sim de inclusão e orgulho pela diversidade ali presente, promovendo, enfim, um processo de socialização adequado e condizente com o proposto pelos documentos norteadores da Educação Básica no Brasil. Reforçando esta relevância do professor para tal, e novamente voltando-nos às cantigas de roda, concorda-se com Souza e Medeiros (2015, p. 23), que dizem que “quando o professor participa junto às crianças das cantigas de roda, a interação enriquece o processo, pois o educador acaba sendo o companheiro mais experiente, que possui maior conhecimento das reações do grupo e de cada criança em particular”.

Em suma, as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola devem também objetivar a busca por um processo que promova o respeito ao próximo, a expressão dos sentimentos e a integração/socialização das e entre as crianças, retomando o que foi apresentado anteriormente neste trabalho. Assim, as cantigas de roda, quando consideradas as questões relativas ao aspecto socioafetivo do desenvolvimento da criança, demonstram novamente sua pertinência e adequação como prática na Educação Infantil e na educação como um todo, pois assim como diz Fernandes⁵ (1979, apud DE SOUZA, 2012):

Através das cantigas de roda, a criança interage com os demais participantes e aprendem muitas regras sociais, como esperar a sua vez, a cooperar ao invés de apenas competir, adquire novos elementos culturais que contribuirão para a formação de sua história, ou seja, de sua personalidade. (FERNANDES, 1979, apud DE SOUZA, 2012, p. 39)

Mas existe um quarto aspecto ainda não abordado neste texto e que tem relação direta com o cerne deste trabalho. É este o aspecto histórico-cultural, que partindo da citação acima, também contribui para o desenvolvimento da criança, pois ao adquirir “novos elementos culturais que contribuirão para a formação de sua história”, a criança não somente vivencia uma cultura, mas de certa forma também a transmite, e as cantigas de roda também possibilitam a contemplação deste aspecto.

⁵ FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

5 A IMPORTÂNCIA DAS CANTIGAS DE RODA PARA A VIVÊNCIA E TRANSMISSÃO DA CULTURA POPULAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Partindo novamente do RNCEI como ponto de início deste discurso, é nítida a importância dada desde a publicação deste documento para a relevância dos conhecimentos histórico-culturais como fonte de conteúdo e possibilidade de aprendizado para as crianças.

Como dito anteriormente neste trabalho, a Educação Infantil é a porta de entrada para a criança acessar uma infinidade de conhecimentos e vivenciar um universo de experiências que possibilitem descobertas sobre si mesma e sobre o mundo ao seu redor. Este é o momento em que a criança começará a ter um contato mais contínuo, considerando a realidade da maioria delas, com outras pessoas que não as de seu convívio familiar, que não possuem os mesmos valores e tradições que os da sua família, e mesmo tendo somente alguns poucos anos de vida, estes valores e tradições familiares já se encontram, em menor ou maior grau, encarnados implicitamente na criança, em suas ações e posturas.

Sendo assim, a escola será o palco deste encontro entre diferenças morais e culturais, além das diferenças sociais. A isso se soma o fato de também outras instituições que não a família terem impacto no processo formativo da criança, às vezes antes mesmo de sua entrada na escola. Como retrata o RCNEI (BRASIL, 1998b), a criança tem contato com a dinâmica social que se manifesta nos diferentes locais de seu bairro (na rua, no mercado, no transporte público, entre outros), participa de festas populares e também frequenta, em certos casos, a igreja e/ou um clube. Tudo isto resulta no conjunto de valores, crenças, tradições e claro, conhecimentos, que repercutem na criança. Mas como educadores, não devemos encarar tais diferenças com temor, mas sim com esperança, pois como exprime o RCNEI:

O ingresso na instituição de educação infantil pode alargar o universo inicial das crianças, em vista da possibilidade de conviverem com outras crianças e com adultos de origens e hábitos culturais diversos, de aprender novas brincadeiras, de adquirir conhecimentos sobre realidades distantes. (BRASIL, 1998b, p. 13)

Faz-se desejável, inclusive, que para possibilitar este tipo de aprendizado, de cunho cultural, as famílias das crianças sejam consideradas no papel de ensino-aprendizagem, e aqui não no sentido de que as mesmas, em suas casas, contribuam para a ampliação das experiências que as crianças vivenciam na escola (o que sim, é também de extrema importância), mas em considerá-las como parte do próprio cotidiano pedagógico da escola. Com o RCNEI (BRASIL, 1998a) sugere-se, para além da presença das mães, pais e demais familiares nos eventos e festividades ocorridas na escola, que o próprio conhecimento de vida relativo às suas histórias, e por consequência, às suas raízes culturais, sejam apreciados nas atividades propostas às crianças, como, por exemplo, ao levá-las a perguntar sobre “a história da escolha do nome, as brincadeiras preferidas dos pais na infância, as histórias de vida, etc”, e que assim “podem tornar-se parte integrante de projetos a serem trabalhados com as crianças.” (BRASIL, 1998a, p. 79)

Projetos. Esta é uma das formas de poder desenvolver este aspecto histórico-cultural no ambiente escolar. Novamente trazendo sugestões, o RCNEI (BRASIL, 1998b) indica que projetos pedagógicos pautados na identidade cultural brasileira e em suas diversas manifestações se apresentam como uma possibilidade interessante para serem desenvolvidos na escola, podendo tomar diferentes rumos dependendo do aspecto cultural a ser tematizado e do objetivo que se deseja atingir com o projeto. “Por exemplo, pode-se focar as danças próprias a diferentes regiões, as comidas ou vestimentas típicas, pode-se fazer um levantamento das diferentes maneiras de se chamar um mesmo brinquedo” (BRASIL, 1998b, p. 65), entre outras infinitudes de temas e questões que podem ser discutidas com projetos deste teor. Em resumo:

Há uma infinidade de perspectivas que devem ser escolhidas em função do perfil e dos interesses das crianças que compõem o grupo. A realização de projetos sobre a diversidade étnica que compõe o povo brasileiro é um recurso importante para tratar de forma mais objetiva a questão da identidade. Conhecer a história e a cultura dos vários povos que para cá vieram é de grande valia para resgatar o valor de todas as etnias presentes no Brasil, o que pode ajudar a diluir as manifestações de preconceito, alargando a visão de mundo dos elementos do grupo. (BRASIL, 1998b, p. 65)

E como será visto também mais a frente, bem como ressalta o trecho acima, buscar a valorização das características étnicas e culturais das crianças, e logo, de

seu grupo social, tende a favorecer o respeito à diversidade de culturas ao invés da discriminação e a convivência com o preconceito (BRASIL, 1998b).

Seguindo com a BNCC, verificamos, ao analisar a descrição dos chamados “Campos de Experiências”, que os aspectos histórico-culturais permanecem sendo considerados para a Educação Infantil. É dito que os campos de experiências “constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural” (BRASIL, 2018, p. 40). Por patrimônio cultural, entende-se, de acordo com a Constituição Federal, em seu artigo 216:

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988, art. 216)

Como afirma Silva (2010, p. 16), a escola é o lugar apropriado para a condução desta perspectiva de educação, “pautada no patrimônio cultural da comunidade onde está inserida para que não ‘morra’, não desapareça a nossa herança e tenhamos o que deixar para os nossos descendentes”. Mas, como continua a autora, para que isso ocorra é preciso que os professores conheçam a realidade ao seu redor, conheçam o contexto da comunidade escolar e, assim, as raízes culturais desta, para então tomar parte deste conjunto e desenvolvê-lo na sala de aula e na escola como um todo. Seguindo nesta linha, De Souza (2012) enaltece a escola como um ambiente que possibilita este estudo acerca do patrimônio cultural, mas que no geral não é bem aproveitado pelos professores e escolas. Diz a autora que “um exemplo disso é o desconhecimento de muitos professores em relação às diferenças regionais, étnicas e culturais dos estudantes” (DE SOUZA, 2012, p. 41). Concordando com ambos, enquanto não nos preocuparmos em conhecer as histórias de vida de nossos alunos, de suas famílias e as suas origens (que dependendo da nossa postura, pode até mesmo fazer com que aquelas que não a conheçam se interessem por ir atrás), não seremos capazes de, fazendo

compreenda-las seu passado, formarem-se plenamente no presente. Temos a missão de “despertar na criança o gosto pela terra que habita, bem como, ao seu povo, suas tradições” (DE SOUZA, 2012, p. 41).

Na Educação Infantil, é através do brincar e do cantar, como discorre Santos (2010), que este processo de autoconhecimento histórico-cultural pode concretizar-se nas crianças. Por meio destas práticas pedagógicas:

Elas poderão conhecer e valorizar a cultura; apropriar-se de sua história e assim preservar sua memória. Afinal, cada lugar é marcado por tradições culturais específicas, manifestadas de diferentes formas, sempre revelando parte do imaginário e da trajetória de um grupo social. (SANTOS, 2010, p. 15)

E sendo uma prática que conecta ambas as ações citadas (brincar e cantar), finalmente regressamos às cantigas de roda. As cantigas de roda são brincadeiras intrinsecamente ligadas aos povos de origem do nosso país, expressando em suas letras as histórias, os modos de vida, os saberes, o conhecimento, enfim, a cultura, e utilizá-las na Educação Infantil é não somente um caminho para favorecer ganhos motores, cognitivos ou sociais para as crianças; mas também (e em minha opinião, em respeito às origens destas brincadeiras cantadas, ainda mais importante para este último ponto), a chance de fazê-las adentrar os confins da nossa história e ter contato com estes grupos, pois como justifica Silva (2010, p. 23), possibilita “trocar conhecimento com outros e descobrir sobre o modo de vida das pessoas no passado e no presente, em um ciclo constante de continuidade, transformação e reutilização”.

E são estas transformações, que se manifestam nas pequenas diferenças em letras, melodias e mesmo nas formas de brincar cada cantiga de roda, que demonstram a diversidade cultural presente até os dias atuais em nossa sociedade, nas diferentes regiões do país. Assim, não podemos deixar de explorar tamanha diversidade em sala de aula, e por isso a importância, como dito anteriormente, de conhecer, de fato, nossos alunos; um conhecer aprofundado, que vise congrega as diferenças, não no sentido de eliminá-las, mas de, reunindo-as, mostrar que todos podem fazer (e fazemos) parte de um grupo, de um povo, de uma cultura. No entanto, são tantas as interações que a maioria das práticas da cultura de cada grupo, de cada povo, tem com as de outros ao longo da história, num processo de

mútua construção, que não é possível dissociar a importância que um grupo tem para outro e vice-versa, assim como na história do nosso país, constituído e construído pela ação de muitos grupos e povos. Provocar esta reflexão em sala de aula é de inestimável valor para a formação histórica, cultural e social dos alunos desde os primeiros anos de vida.

Em síntese, o uso das cantigas de roda com o viés histórico-cultural possibilita este encaminhamento apresentado, “a qual garante às crianças o acesso aos bens sócio-culturais desenvolvidos em um determinado período histórico e que servirá para promover a inserção destas nas várias estruturas sociais existentes” (SANTOS, 2010, p. 19).

Cabe a ressalva, na busca por realizar esta empreitada histórica para conhecer a origem das cantigas de roda, o fato de que, assim como acontece com outras produções da cultura humana que atravessam a história, como obras literárias, musicais, teatrais, entre outras; que as mesmas têm de ser consideradas, obviamente, dentro de seu contexto histórico, como traz Santos (2010), que da mesma maneira que ocorre até os dias de hoje, sofrem a influência das conjecturas sociais da época, das normas explícitas e implícitas circundantes entre seu povo ou sociedade de origem e também dos preconceitos daquele tempo e/ou local. Desta forma, o professor deve ter cuidado e atenção ao optar pelo uso de uma metodologia nesta linha pedagógica, pois:

As pessoas ao entoarem uma cantiga de roda podem estar fazendo referências ao tipo de estrutura social na qual sua família está inserida ou a um tipo de comportamento considerado conveniente ao modelo social vigente, e até mesmo a sentimentos subjetivos e individuais que demonstram o estado de espírito de uma pessoa. (SANTOS, 2010, p. 21)

E talvez ainda mais as crianças, com curiosidades e dúvidas sobre o que é falado na letra da cantiga de roda, estão sujeitas a tal condição, podendo nos colocar numa condição não-favorável para promover o aprendizado nesta perspectiva histórico-cultural se não estivermos bem embasados, com pesquisas bibliográficas sobre as origens e contextos das cantigas de roda aplicadas com o grupo. Como referências para os que se interessarem por esta busca histórica das origens das cantigas de roda, recomendo particularmente duas das citações referenciadas ao longo deste trabalho: de Alexina de Magalhães Pinto, “Cantigas

das crianças e do povo e danças populares”, de 1916, e de Veríssimo de Melo, “Folclore infantil”, de 1985, bem como as demais referências presentes nos rodapés das páginas do trabalho.

Feita esta observação, compreende-se então, ainda mais por esta razão, a necessidade deste processo educativo, que também se faz importante histórica e culturalmente, estar presente nas escolas, pois como atenta-nos Souza e Medeiros (2015), se antigamente as cantigas de roda eram transmitidas oralmente dos mais velhos para os mais novos, com as mudanças ocorridas em nossa sociedade contemporânea, as cantigas, bem como outras manifestações folclóricas, podem se perder ao longo da história caso as famílias e comunidades locais não tomem parte neste processo. Nas grandes cidades, especialmente, esta problemática é evidente. Por isso é tão necessário intervenções nesta linha histórico-cultural, como forma de manter vivas as memórias e tradições do nosso passado, transmitindo-as às novas gerações. Como resume Martins⁶ (2012, apud SOUZA E MEDEIROS, 2015):

[...] Deve-se, também, inverter o caminho das cantigas de roda; se antes eram cantadas no espaço familiar, na comunidade e chegava até os pátios das escolas, agora será a partir do espaço escolar que as cantigas de roda chegarão aos lares e a sua utilização como brincadeiras só vai acontecer se existir dentro de um sistema de interpretação das atividades humanas. (MARTINS, 2012, apud SOUZA E MEDEIROS, 2015, p. 15)

E tal como na escola, em que este processo de transmissão é capaz de gerar pequenas alterações nas letras das cantigas, como visto no trecho de Souza e Medeiros já apresentado ao longo deste trabalho, em que as crianças “por vezes falam as palavras da forma como entendem, e assim acabam modificando a palavra original, formando então uma nova cantiga” (SOUZA e MEDEIROS, 2015, p. 17), ou no meu entendimento, uma nova versão/variação da mesma cantiga, assim acontece também, em maior grau, durante todo o processo histórico ao qual as cantigas de roda estão submetidas. Como diz De Souza (2012, p.15) em relação às manifestações folclóricas como um todo, “o folclore tem como base elementos tradicionais de um povo. Entretanto não está parado no tempo, mas, é essencialmente dinâmico; está constantemente sendo recriado, deixando de lado algumas características e apropriando-se de outras”. Somando-se a isso o fato de,

⁶ MARTINS, Audenôra das Neves S. **Cantigas de roda: estético e o poético e sua importância para a Educação Infantil**. Curitiba: Editora CRV, 2012.

como continua a autora, o folclore se referir a um conjunto de manifestações que tem origem e influência de diversos povos e grupos étnicos, pois “em seu conjunto de crenças, lendas, festas, superstições, artes, costumes e tradições há elementos de distintas culturas: indígenas, negras e europeias” (DE SOUZA, 2012, p. 18), compreendemos o nível de dificuldade que existe quando se deseja descobrir a origem histórica de cada cantiga de roda, devido a esta série de transformações sofridas ao longo dos séculos. Desta forma, mesmo sabendo da contribuição das culturas dos povos indígenas, africanos e europeus na formação das cantigas, o exercício do professor de exaltar um ou outro aspecto em específico da cultura de um destes três grupos é dificultado: sabe-se que têm influência destes e daqueles, mas não se conhece, de fato, em que e o quanto? E assim, o discurso da diversidade encontra-se, então, pouco embasado, como explica De Souza.

Pressupomos, porém, que em geral existe a falta de conhecimento da diversidade cultural. Essa situação tende a naturalização das formas de expressão de distintos grupos sociais, com pouca ou talvez nenhuma consciência das origens e diferenças, predominando uma visão cultural “sincrética” que mistura elementos diferentes sem ter a consciência das diferenças. (DE SOUZA, 2012, p. 40)

De acordo com Santos⁷ (1994, apud SANTOS, 2010, p. 20), isto se deve à chamada “aculturação”, que “é o processo de transferência e assimilação de elementos culturais devido ao contato prolongado entre grupos de diferentes culturas”. Outro fator, levantado por De Souza, diz respeito à indústria cultural, que com um viés comercial, induzindo a uma cultura consumista, “vem tomando grandes vultos na atualidade traduzida, por exemplo, em algumas produções musicais empobrecidas e massificadas” (DE SOUZA, 2012, p. 40). Estas condições têm de ser consideradas quando do uso das cantigas de roda nesta perspectiva histórico-cultural.

Apesar disto, finalizamos ressaltando o quão importante é para a formação da criança, em sua totalidade, vivenciar as cantigas de roda também através deste olhar. Oportunizar às crianças, durante sua passagem na Educação Infantil, conhecer as histórias, os modos de vida, os conhecimentos, enfim, a cultura no geral, do nosso passado, por meio de uma prática lúdica que promova a interação e

⁷ SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

o brincar, eixos estruturantes da Educação Infantil, é contribuir não somente para ela, enquanto indivíduo, em sua constituição como ser humano e como parte de uma sociedade, mas para nosso país e nossa cultura como um todo, por preservar, ao vivenciar e transmitir, as tradições que fazem parte do nosso folclore, e assim, respeitar a memória dos povos que integram a nossa história e nossa cultura como povo brasileiro.

6 PORTFÓLIO DE CANTIGAS DE RODA PARA USO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Tomando como base o universo de trabalhos analisados para fundamentação teórica deste estudo, com as crianças do 0 aos 3 anos, num geral as cantigas utilizadas buscam ser mais simples e curtas, para estar de acordo com o nível de compreensão possível para as crianças desta faixa etária, e com fins bem específicos; enquanto que para as crianças acima dos 3 anos o repertório de cantigas é aprimorado, considerando a utilização das cantigas de forma mais ampla e com fins variados.

Como envolvem em sua maioria movimentação em conjunto com o grupo e a realização de brincadeiras, as cantigas de roda destinam-se melhor a crianças a partir dos 2, 3 anos de idade – circunscrevendo cantigas de roda simples, que envolvam somente a realização da movimentação em roda, com no máximo alguns movimentos simples ao decorrer da cantiga. Já com as crianças de 4 e 5 anos, as cantigas podem envolver brincadeiras mais complexas, que abarcam movimentos mais elaborados do ponto de vista expressivo.

Assim, o portfólio de cantigas de roda apresentado a seguir, com o intuito de contribuir com a aplicação desta prática na Educação Infantil, seja nos momentos voltados à Educação Física ou não, é particularmente indicado para a realização com as crianças a partir dos 2 anos de idade, especialmente às de 4 e 5.

6.1 Orientações gerais

Serão apresentadas 8 cantigas de roda, em ordem alfabética, e contemplando os seguintes pontos: objetivo da cantiga (aspectos que ela trabalha); letra da cantiga; link de vídeo do Youtube com a cantiga sendo cantada; e metodologia de aplicação da cantiga, com informações mais concretas sobre como aplicá-la com sua turma. A recomendação do autor é que o link com o vídeo do Youtube, em que a canção está sendo cantada na melodia da cantiga, seja utilizada se possível somente para este contato inicial com a melodia. Todas as cantigas de roda ganham notório significado quando cantadas em conjunto pelas crianças ao longo da brincadeira. Por isso, se possível, use o vídeo só como um parâmetro inicial para

conhecer a cantiga (caso não conheça) e apresentá-la aos alunos e alunas da turma.

6.2 A Canoa Virou

- **Objetivo:** promove a interação entre o grupo de alunos, possibilitando conhecer e memorizar os nomes das crianças.
- **Letra:**

“A canoa virou por deixar ela virar
Foi por causa da Fulana que não soube remar
Se eu fosse um peixinho e soubesse nadar
Eu tirava a Fulana do fundo do mar” (repete)

- **Música:**

https://www.youtube.com/watch?v=_vmxj-adiPo&ab_channel=PalavraCantadaOficial

- **Desenvolvimento:**

Todos iniciam voltados para dentro da roda. A professora ou professor, junto com a turma, irá cantar somente os primeiros dois versos da música, e a cada nome falado, a criança se voltará para fora da roda, porém ainda permanecendo de mãos dadas com os colegas que estão ao lado. De preferência, para não haver confusão, a professora vai escolhendo e falando de cada criança. Após todas, inclusive a professora/o professor, estarão voltados para fora da roda, canta-se os últimos dois versos da música, começando do último nome (provavelmente o da professora/professor) até chegar novamente ao primeiro, sendo que desta vez a turma que deve ir relembando a ordem dos nomes falados (a professora ou professor pode ajudar se a turma estiver com dificuldade de lembrar a ordem dos nomes). A cada nome falado, a criança volta-se novamente para o centro da roda, até todos estarem novamente como no início. Outra possibilidade é cantar-se a música normalmente, mas a cada nome falado, a criança vai para o centro da roda, como se fosse um peixinho, e volta para o seu lugar logo que seu nome é cantado novamente (“tirava a Fulana do fundo do mar”). A professora pode escolher o primeiro nome e deixar a criança que foi até o centro da roda e retornou escolher o próximo, orientando a não escolherem quem já foi. Nas duas versões, a roda continua a girar enquanto se canta a música. Existe espaço para variações.

Figura 1 – A Canoa Virou



Fonte: Percebendo Linguagens, 2012.

Disponível em: <http://percebendolinguagens.blogspot.com/2012/10/a-canoa-virou.html>

6.3 Carneirinho, Carneirão

- **Objetivo:** estímulo à movimentação e à coordenação motora, possibilitando aos alunos descobrirem as potencialidades de seus corpos.

- **Letra:**

“Carneirinho, carneirão-neirão-neirão,
Olhai pro céu, olhai pro chão, pro chão:
Manda o Rei, Nosso Senhor, Senhor, Senhor
Para todos se (deitarem, ajoelharem, sentarem, levantarem, pularem)” (repete, intercalando as ações)

- **Música:**

https://www.youtube.com/watch?v=7BbooUEzPjs&ab_channel=OsPequerruchos

- **Desenvolvimento:**

Para esta cantiga de roda, basta que todos realizem os comandos feitos ao longo da música. Podem-se acrescentar outros comandos.

6.4 Ciranda, Cirandinha

- **Objetivo:** incentivo à desinibição das crianças, seja ao recitar um verso (que também trabalha a memória textual) ou fazer um gesto, promovendo a socialização entre o grupo de alunos.

- **Letra:**

Ciranda, cirandinha
Vamos todos cirandar
Vamos dar a meia volta (muda-se o sentido da roda)
Volta e meia, vamos dar (muda-se novamente o sentido da roda)

O anel que tu me deste
Era vidro e se quebrou
O amor que tu me tinhas
Era pouco e se acabou

Por isso Dona Fulana (nome da criança)
Entre dentro dessa roda
Diga um verso bem bonito (OU Faça um gesto bem bonito)

(...)

Diga adeus e vá-se embora

- **Música:**

Versão “Diga um verso bem bonito” (crianças de 4 e 5 anos)

https://www.youtube.com/watch?v=G2Oub_dq7vc&ab_channel=Ti%C3%A3oCamale%C3%A3o

Versão “Faça um gesto bem bonito” (crianças de 2 e 3 anos)

https://www.youtube.com/watch?v=X9zjbRkl7n8&ab_channel=TurmadoFolclore

- **Desenvolvimento:**

Boa parte da cantiga segue normalmente, com a roda girando (muda-se a direção da roda na parte da letra da cantiga indicada acima), porém ao chegar na parte “Por isso Dona Fulana entre dentro desta roda” a professora ou professor substitui o nome da “Fulana” pelo nome de um dos alunos/alunas para que a criança vá ao meio ou fazer um gesto movimento (pode ser dito também “gesto divertido”) ou recite o verso de um poema, retornando novamente à roda depois. Por talvez a criança se sentir com medo de ir sozinha, um trabalho anterior é necessário, para que a criança não sinta vergonha de ir ao centro da roda. Fazer com que todas já tenham seus gestos pensados, como resultado de uma atividade anterior de exploração de movimentos, ou seu verso já escrito, também numa atividade anterior, no caso das crianças de 4 e 5 anos, facilita para que a criança, ao adentrar a roda, já saiba o que fazer, se sentindo mais segura e confiante.

Figura 2 – Ciranda Cirandinha



Fonte: Crianças UOL, 2011.

Disponível em:

<https://criancas.uol.com.br/novidades/2011/10/11/brincadeira-de-crianca-ciranda-cirandinha.htm>

6.5 Corre Cutia

- **Objetivo:** exercício da rapidez e da agilidade das crianças.
- **Letra:**

"Corre cutia
Na casa da tia

Corre cipó
 Na casa da vó
 Lencinho na mão, caiu no chão
 Moça bonita do meu coração"
 Posso jogar? PODE!
 Ninguém vai olhar? NÃO!

- **Música**

https://www.youtube.com/watch?v=cqp4N_Hqxvs&ab_channel=PalavraCantadaOficial (1:00 – 1:15)

- **Desenvolvimento:**

Estando todos sentados em roda, uma criança é escolhida para ser a “Cutia”. Esta criança estará com um lencinho na mão, e ao final da música deverá colocar o lencinho atrás de uma das crianças. Passado alguns segundos do término da música, todos perguntam “pode olhar?”. Se a Cutia já tiver colocado o lencinho atrás de alguém, ela diz “sim”, mas caso não, se apressa para colocar atrás de alguém. Após responder que sim à pergunta do grupo, a criança que estiver com o lencinho atrás de si deverá correr para tentar pegar a Cutia. E a Cutia deverá correr para tentar sentar no lugar da criança que ela colocou o lencinho atrás. Caso a Cutia consiga sentar, a criança que esta com o lencinho vira a Cutia. Caso a Cutia seja pega, geralmente esta continua como Cutia, porém como forma de fazer com que todos participem, pode-se alterar esta regra da brincadeira para que uma nova criança seja a Cutia a cada rodada, porém sendo uma regra de comum acordo com todo grupo (por exemplo, se a Cutia for pega, ela escolhe quem será a próxima Cutia. Ou seja, sentará independente de ser pega ou não).

Figura 3 – Corre Cutia



Fonte: Escola Santi, 2019

Disponível em: <https://www.escolasanti.com.br/dicasculturais/2019/04/06/corre-cutia/>

6.6 Escravos de Jó

- **Objetivo:** trabalha a noção de ritmo, além de contribuir com o desenvolvimento da coordenação motora das crianças, como na lateralidade.

- **Letra:**

Escravos de Jó
 Jogavam caxangá
 Tira, põe
 Deixa ficar
 Guerreiros com guerreiros
 Fazem zigue-zigue-zá
 Guerreiros com guerreiros
 Fazem zigue-zigue-zá

- **Música**

https://www.youtube.com/watch?v=AJCVHKEohAg&t=15s&ab_channel=GalinhaPintadinha

- **Desenvolvimento:**

A versão tradicional da brincadeira de roda é conhecida da maioria das pessoas, porém caso precise lembrar, o vídeo acima com a música mostra a sequência de movimentos. Assim como Corre Cutia, esta é uma cantiga de roda realizada sentada. Todos precisam de um objeto à mão, e se possível todos do mesmo tamanho, não muito pequeno nem grande. Os objetos são passados para a pessoa ao lado no ritmo da música. No “tira, põe, deixa ficar” segue-se exatamente estas ordens: no tira, todos retiram o objeto; no põe, todos colocam novamente; e no deixa ficar, retiram-se as mãos sem o objeto. No “zigue-zigue-zá” finge-se que vai voltar o objeto para a pessoa de quem ele veio, mas não volta. Por ser uma brincadeira que envolve muito ritmo e coordenação motora, cabe mais para as crianças de 5 anos, e num ritmo mais lento. Uma possibilidade é realizar esta atividade com o corpo: todos de pé, em roda, vão fazer exatamente os mesmos movimentos que seriam feitos no chão, mas com o próprio corpo. Esta é uma alternativa importante, pois ajuda na consciência corporal como um todo. Assim, no “tira, põe, deixa ficar” dá-se um passo pra trás, um pra frente e permanece parado no lugar, respectivamente seguindo os passos da música. E no “zigue-zigue-zá” finge-se que vai voltar para o outro lado, mas não volta. A marcação da música é sempre batendo forte com o pé direito no chão.

Figura 4 – Escravos de Jó



Fonte: Cooperamos na Escola, 2015

Disponível em:

<https://cooperamosnaescola.files.wordpress.com/2015/05/>

6.7 Fui ao Tororó

- **Objetivo:** promoção da interação e da socialização entre as crianças, além da expressividade corporal.

- **Letra:**

“Fui no Tororó beber água não achei
 Achei linda Morena
 Que no Tororó deixei
 Aproveita minha gente
 Que uma noite não é nada
 Se não dormir agora
 Dormirá de madrugada
 Oh, Dona Maria (Oh, Seu João)
 Oh, Mariazinha, oh, Mariazinha, (Oh, Joãozinho...)
 Entra nesta roda
 Ou ficarás sozinha(o)!
 Sozinha(o) eu não fico
 Nem hei de ficar!
 Por que eu tenho o (dizer o nome de uma das crianças)
 Para ser o meu par!”

- **Música:**

https://www.youtube.com/watch?v=2HBgm5kgWN4&ab_channel=ATurminhadaFloresta

- **Desenvolvimento:**

Posicionadas em uma roda, as crianças começam a cantar a música. Conforme forem cantando, vão substituindo o nome de Mariazinha por algum dos participantes da brincadeira, até que todos estejam no centro.

6.8 Loja do Mestre André

- **Objetivo:** conhecimento musical e noções de ritmo.

- **Letra:**

Foi na loja do Mestre André
 Que eu comprei um pifarito
 Tiro, liro, li, um pifarito
 Ai olé, ai olé, foi na loja do Mestre André!
 Ai olé, ai olé, foi na loja do Mestre André!

Foi na loja do Mestre André
 Que eu comprei um pianinho
 Plim, plim, plim, um pianinho
 Tiro, liro, li, um pifarito
 Ai olé, ai olé, foi na loja do Mestre André!
 Ai olé, ai olé, foi na loja do Mestre André!

Foi na loja do Mestre André
 Que eu comprei um tamborzinho
 Tum, tum, tum, um tamborzinho
 Plim, plim, plim, um pianinho
 Tiro, liro, li, um pifarito
 Ai olé, ai olé, foi na loja do Mestre André!
 Ai olé, ai olé, foi na loja do Mestre André!

(A cada nova estrofe, pode-se adicionar um novo instrumento para ser feito o gesto)

- **Música:**

https://www.youtube.com/watch?v=nunB8iMIB5I&ab_channel=MundoDasCriançasTV

- **Desenvolvimento:**

A cada nova estrofe, um instrumento musical é adicionado, e as crianças devem ir realizando os gestos e os barulhos que lembrem aquele instrumento. Esta cantiga pode ser feita tanto sentada quanto em pé. Fica a critério do que a professora/o professor achar melhor para a vivência do grupo. Recomenda-se ir adicionando instrumentos que sejam fáceis para eles se remeterem no início, e conforme for dificultando, colocando um ou outro instrumento novo, fazendo com que as crianças acabem conhecendo-os.

Figura 5 - Loja do Mestre André



Fonte: Youtube, 2017

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=209XrhDOLwc&ab_channel=Col%C3%A9gioEmiliedeVilleneuve

6.9 Pai Francisco

- **Objetivo:** desenvolvimento da expressão corporal em suas várias formas.
- **Letra:**

Pai Francisco entrou na roda
 Tocando seu violão
 (Balalan, ban, ban)
 Vem de lá seu delegado
 E o Pai Francisco foi pra prisão

Como ele vem todo requebrado
 Parece um boneco desengonçado
 (2x)

- **Música:**

https://www.youtube.com/watch?v=tvWMiCax1L8&ab_channel=BobZoom

- **Desenvolvimento:**

Com as mãos dadas e em roda, uma criança é escolhida para ser o Pai Francisco, que adentra a roda logo no início da música. No final da primeira sequência que a música foi cantada (“Como ele vem...”), o “Pai Francisco vai voltando ao seu lugar na roda, porém seguindo o que a letra da música pede (“todo requebrado” e “boneco desengonçado”), tocando no ombro da próxima pessoa que será o “Pai Francisco.

6.10 Recomendações finais

Recomendamos como bibliografia para consulta o canal do Youtube do grupo “Palavra Cantada”, notório por sua colaboração com as chamadas músicas folclóricas, incluindo cantigas de roda, seja das mais antigas às mais recentes, criadas pelo próprio grupo, como a “Ciranda dos Bichos” (recomendo o uso para qualquer turma dos 2 aos 5 anos), e também o artigo “A garotada entra no ritmo com as danças de roda”, de Marangon, da Revista Nova Escola (referência mais abaixo) – por lá estão listadas e explicadas uma série de cantigas e cantigas de roda que também são brincadeiras. Uma ótima coletânea para qualquer professor interessado no tema.

7 CONCLUSÃO

Retomando o objetivo inicial proposto para o presente trabalho, de discutir a importância das cantigas de roda como prática pedagógica na Educação Física Infantil, encerramos este texto ressaltando como estas tem, dentro da Educação Infantil, o potencial gerador para, inseridas dentro de um contexto maior junto às demais práticas pedagógicas da realidade escolar, garantir às crianças o direito ao “Brincar” e ao “Conhecer-se”, como contemplados na BNCC para esta etapa da Educação; possibilitando, além do próprio brincar, promover ganhos relativos aos aspectos motor, cognitivo e socioafetivo no desenvolvimento, e aprendizagens histórico-culturais que atuam em favor da construção de suas identidades como parte de uma comunidade, de um grupo, de um povo, sendo este último aspecto um dos eixos centrais do trabalho.

Finalizamos enfocando a abordagem histórico-cultural, em função da importância da vivência e transmissão da cultura popular do país por meio das cantigas de roda, e ao mesmo tempo, assim como as outras práticas corporais, relembremos sobre a necessidade de renovação constante que as mesmas devem ter com o passar do tempo, se reinventado com as novas organizações da sociedade e assimilando os valores que pautam a convivência entre as pessoas, para que, desta forma, não fiquem presas somente ao passado, mas com um olhar também em direção ao futuro.

Dando outro olhar para a epígrafe que abre este trabalho, acredito sim na necessidade de mudança social, porém não negando tudo o que veio antes, e sim tomando como base tudo o que somos e vivemos enquanto grupo, enquanto povo, enquanto brasileiros para, a partir disso, transformar nossa realidade.

Assim, não nos esqueçamos das nossas origens, das nossas tradições, do nosso folclore e suas manifestações, que demonstram a riqueza e a diversidade do nosso país, como manifestado nas cantigas de roda.

Elas nos contam histórias, histórias que nos possibilitam vivenciar um mundo inteiro de possibilidades: conhecer o eu, o outro, o nós, o eles... enfim, o todo.

REFERÊNCIAS

BERNI, Luiz Eduardo Valiengo. et al. "**A Dança Circular Sagrada e o Sagrado**": um estudo exploratório das relações históricas e práticas de um movimento "New Age", em busca de seus aspectos numinosos e hierofânicos. 2002. 220 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 5**, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009a, Seção 1, p. 18. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 de out. de 2021.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 de out. de 2021.

_____. **Emenda constitucional nº 59**, de 11 de novembro de 2009. Diário Oficial da União, Brasília, 12 de novembro de 2009b, Seção 1, p. 8. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm. Acesso em: 10 de out. de 2021.

_____. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 10 de out. de 2021.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 12 out. 2021.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação**

infantil/Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica – Brasília: MEC, CNE/CED, 1999. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao_ceb_0199.pdf. Acesso em: 12. out. de 2021.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes**

curriculares nacionais para a educação infantil/Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 12 de out. de 2021.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Vol. 1. Brasília: MEC/SEF, 1998a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 12 de out. de 2021.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Vol. 2. Brasília: MEC/SEF, 1998b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>. Acesso em: 12 de out. de 2021.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998c. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 12 de out. de 2021.

CANTIGA. *In*: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [S.l.]: Editora Melhoramentos Ltda., c2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cantiga>. Acesso em: 25 de set. de 2021.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 12ª ed. [S.l.]: Global Editora, 2012.

DA SILVA, Mey Ling Oliveira; DA COSTA, Eliane Veiga Cabral; GUIMARÃES, Kamila Queiroz. CANTIGAS DE RODA COMO RESGATE CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **REVISTA IGAPÓ-Revista de Educação Ciência e Tecnologia do IFAM**, v. 13, n. 1, 2019.

DE SOUZA, Ana Síría Carneiro. **Cantigas de roda**: em busca de vestígios culturais. 2012.

FERNANDES, Fernanda. Ciranda: história e origens. **MultiRio**, 2021. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/17261-ciranda-história-e-origens>. Acesso em: 25 de set. de 2021.

MARANGON, Cristiane. A garotada entra no ritmo com as danças de roda. **Nova Escola**, 2016. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/127/a-garotada-entra-no-ritmo-com-as-dancas-de-roda>. Acesso em: 20 de out. de 2021.

PINA, Cíntia. Parlandas. **Educa Mais Brasil**, 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/parlandas>. Acesso em: 26 de set. de 2021.

SANTOS, Benedita do Socorro Matos. **Cantigas de roda: o resgate popular na formação sócio-cultural do aluno**. 2010. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade de Évora, Évora, 2010.

SILVA, Daniel Neves. Folclore. **Mundo Educação**, c2021. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/folclore>. Acesso em: 24 de set. de 2021.

SILVA, Márcia de Souza Iglésias. **Continuidade, transformação e reutilização das cantigas de roda na educação patrimonial**. 2010. 53 f. Monografia (Licenciatura em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2010.

SILVEIRA, Ronaldo Tedesco. Rodas Cantadas. **Recreação Magazine**, [S.l.], ano 2, n. 4, p. 36-41, fev./mar. 2010. Disponível em: <https://issuu.com/recreacaomagazine/docs/recreacaomagazinemarco>. Acesso em: 27 de set. de 2021.

SOMACAL, Simone Aguirre Timbola. **As cantigas na educação infantil**. 2015. 46 f. Monografia (Especialização em Educação Física Infantil e Anos Iniciais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

SOUZA, Mariana Chaves; MEDEIROS, Niedja Nara Bezerra. **Cantando, dançando e aprendendo: cantigas de roda na educação infantil**. 2015. 53 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.